



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE AUDIOVISUAL**

NO INTERIOR DO NATURAL AFETADO

ABANDONO E REEXISTÊNCIA NO CENTRO E PERIFERIA DE CAMPO GRANDE- MS

**HENRIQUE DE ARAÚJO LUZ
PEDRO HENRIQUE PILAR ALVARENGA**

CAMPO GRANDE - MS
NOVEMBRO /2022

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



NO INTERIOR DO NATURAL AFETADO

ABANDONO E REEXISTÊNCIA NO CENTRO E PERIFERIA DE CAMPO GRANDE- MS

**HENRIQUE DE ARAÚJO LUZ
PEDRO HENRIQUE PILAR ALVARENGA**

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Seminário de Pesquisa e Audiovisual II do Curso de Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Sombra

CAMPO GRANDE - MS
NOVEMBRO /2022

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos ao Universo, pela oportunidade da vida neste mundo complexo em que vivemos.

Aos familiares que sempre nos apoiaram diretamente ou indiretamente, com carinho, respeito e lealdade.

Aos professores do curso de Audiovisual da UFMS que ao longo desses quatro anos nos ensinaram, apoiaram e serviram de exemplo para que chegássemos ao final desse sonho de concluir a nossa graduação.

A todos os colegas da nossa turma, que contribuíram em vários momentos de aprendizado, amizade e crescimento tanto no meio acadêmico como no pessoal.

Por fim, agradecemos a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a conclusão deste trabalho.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



RESUMO:

Este é um projeto de exposição fotográfica dedicado a explorar os arredores pouco conhecidos de Campo Grande, espaços costumeiramente excluídos do imaginário local. Na capital de Mato Grosso do Sul, o abandono e o esquecimento conformam a síndrome de uma cidade em que o desenvolvimento cultural e social é interrompido de tempos em tempos. Assim, de lugares depredados ou negligenciados se formou a narrativa dessas fotos. Ecoando a uma sensação paralela à encontrada nesses lugares abandonados, nos sensibilizamos com as lutas dos povos originários por território e pelo reconhecimento das suas identidades culturais. Assim, como as estruturas que são deixadas de lado, o abandono do nativo é tema urgente, reflexo de um sistema socioeconômico que exclui e desampara. Desse modo, não trazemos nas imagens a violência que persegue e mata o povo indígena, mas, sim, fotografias cujo intuito é abrigar e abraçar a exaltação da sua luta existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Abandono; Luto; Permanência; Urbanismo; Campo Grande.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Terminal do Oeste da Rodoviária Heitor Eduardo Laburu.....	24
Figura 2 - Cena's Bar, uma das salas comerciais que resistiam na Antiga Rodoviária.....	24
Figura 3 - Calça e manequim em um terreno baldio nos arredores da Antiga Rodoviária.....	25
Figura 4 - Exterior da estação Trem do Pantanal no Indubrasil.....	25
Figura 5 - Interior da estação trem do Pantanal no Indubrasil.....	26
Figura 6 - Ao fundo Silos da ADM do Brasil.....	26
Figura 7 - Cemitério de vagões no Terminal Intermodal de Cargas.....	27
Figura 8 - Cemitério de vagões no Terminal Intermodal de Cargas.....	27
Figura 9 - Centro Municipal de Belas Artes.....	28
Figura 10 - Moradia de pessoas em situação de rua.....	28
Figura 11 - Moradia de pessoas em situação de rua.....	29
Figura 12 - Margens da Avenida Ernesto Geisel.....	30
Figura 13 - Dança Siputrena (Terena), durante a Celebração do Dia da Diversidade Indígena no Memorial Marçal de Souza.....	31
Figura 14 - Dança do Penacho (Terena), durante a Celebração do Dia da Diversidade Indígena no Memorial Marçal de Souza.....	31
Figura 15 - Movimento “Luto Pela Vida” em frente a FUNAI, pelo fim do Marco Temporal.....	32
Figura 16 - Indígenas e servidores da FUNAI acendendo velas pelas vidas perdidas no Movimento “Luto Pela Vida”.....	32
Figura 17 - Casa na comunidade indígena Água Bonita.....	33
Figura 18 - Plantação agrícola na comunidade indígena Água Bonita.....	33
Figura 19 - Cocar Indígena durante o Movimento “Luto Pela Vida” em frente a FUNAI.....	34
Figura 20 - Crianças brincando na comunidade indígena Água Bonita.....	35



Figura 21 - Exposição no primeiro ciclo de Exibidinhas do curso de audiovisual da UFMS.....	36
Figura 22 - Exposição no Sarau no Parque.....	38
Figura 23 - Montagem de cavaletes para exposição.....	38
Figura 24 - Cavaletes semiprontos.....	39
Figura 25 - Referência de exposição do fotógrafo Wolfgang Tillmans.....	40
Figura 26 - Exposição no Larica's Cultural.....	41



SUMÁRIO

1. Apresentação.....	8
2. Fundamentação teórica.....	10
3. Discussão acerca dos procedimentos para a realização do projeto fotográfico.....	16
Considerações Finais.....	19
Referências.....	22
.	
Anexo.....	24



1. APRESENTAÇÃO

"Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo" (BARROS, 2010, p.57).

Este projeto constitui uma exposição fotográfica cuja temática relaciona-se com locais abandonados da paisagem urbana da cidade de Campo Grande - MS, em diálogo também com as existências indígenas e sua presença no meio urbano. O objetivo da exposição é registrar rastros de corpos e edificações em meio à crise política e ambiental concentrada na cidade, onde o apagamento cultural pode ser sentido como um reflexo do conservadorismo impregnado na sociedade sul-mato-matogrossense.

O vazio e o excesso de desperdício são assuntos que se revelam nas fotografias, relacionados a uma crise na ocupação da paisagem, compondo uma conjuntura que alarma a consciência crítica da população. Considerando essas reflexões, foi realizado um mapeamento de localizações onde as imagens pudessem espelhar a conjuntura sociocultural exposta acima, resultado da negligência dos órgãos públicos e/ou privados e também do desinteresse da população.

Além disso, conforme as fotos foram ganhando forma e conteúdo, decidimos estruturá-las em uma ordem narrativa de três momentos: "Abandono", "Existência" e, por último, uma dupla dinâmica entre "Luto" e "Permanência". A partir do estabelecimento desse caminho narrativo-conceitual, conseguimos trilhar uma direção mais nítida, seguindo as escolhas estéticas individuais de cada um de nós. A temática da exposição se inspira ainda em um verso de Manoel de Barros: "Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo" (BARROS, 2010, p.57).

Uma vez estabelecida a ideia e realizadas as fotos, pensamos por algum tempo em quais locais seriam adequados para a exposição das fotografias e concluímos que seria necessário buscarmos espaços expositivos alternativos. Para nós, museus e centros culturais constituem um ambiente elitizado, e como as imagens que criamos possuíam uma força de denúncia dos lugares "ocultos" da cidade, pensamos ser necessário exibi-las em lugares mais acessíveis à população, para que dessa forma houvesse pluralidade social nas interpretações das obras. Em relação à expografia,



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



optamos por impressões em formatos diferentes, nos inspirando nos trabalhos do fotógrafo Wolfgang Tillmans, onde as imagens são utilizadas com um propósito de cartografar um universo de acaso e incerteza.



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Deve haver outros abandonos. Da esperança. Da sorte. Da Fé. Não tinha certeza do que também lhe virará as costas (NAGAYAMA, 2015, p. 23).

A fotografia está cada vez mais democrática, pois qualquer indivíduo que tenha um celular consegue fazer um registro, mas a questão a ser discutida é qual o objetivo da foto registrada e se ela pode trazer reflexões para sociedade ou se é apenas uma memória volátil do momento fotografado. Como a jornalista e crítica de fotografia Simonetta Persichetti (2017, s.p) afirma em uma entrevista, a atual conjuntura coloca dois pontos antagônicos: “dizer que hoje se fotografa muito é clichê, sempre se fotografou muito. O problema está na recepção da imagem, ou seja, como a imagem é recebida pela sociedade”. Assim, escolhemos buscar não só uma expressão de arte através da fotografia, mas uma expressão de sentido que contraria o fenômeno fotográfico atual, um ritual superficial que inventa ilusões que não representam, de fato, o social.

Corroborando com essa reflexão, o livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak, ecoou com força naquilo que tentamos demonstrar por intermédio das fotografias, uma vez que estas retratam um rastro humano, e mesmo que elas chegassem a realmente mudar o mundo, a destruição deste já está presente, e o que se poderá fazer a partir dessa destruição é o que está em jogo.

Outro livro que serviu como base teórica para a concepção da exposição foi *Uma Ecologia Decolonial*, de Malcom Ferdinand, que pensa o histórico de racismo e da crise ecológica a partir de uma visão caribenha. Assim, focamos na parte da crise ambiental e quando entramos no processo fotográfico retratamos os povos originários, cuja presença está na origem deste estado, e o derramamento de sangue indígena marca a capital, Campo Grande, seja em seu nascimento ou morte. O genocídio das identidades indígenas em Mato Grosso do Sul evoca a imagem de cacos de vidros de uma jarra que foi quebrada, e mesmo com o processo de colagem, de resistência, os resquícios das rachaduras, das trincas, demonstram a violência, o apagamento em meio a uma luta de



sobrevivência e reconstrução. E esse apagamento toca em um ponto importante que reforça o entendimento da necessidade de se descolonizar um imaginário ocidental cujas pretensões universalistas acarretam o silenciamento de outras identidades, como se pode ver no trecho a seguir:

Não se trata de acabar com o universal, mas de acabar com esse universalismo vertical que erige o Ocidente como a medida de toda a cultura e de toda história, esse que prevalece, que fundamenta e que domina, em favor de um “universal verdadeiramente universal”, como imagina Souleymane Bachir Diagne, um universal que reúna, que escute e que celebre o encontro (FERDINAND, 2022, p.269).

Além dessas questões, também houve complementações de outros textos, como o do artigo *O indígena e a cidade: panorama das aldeias urbanas de Campo Grande/MS*, da arquiteta e pesquisadora Karina Trevisan Latosinsk, que traz dados e o contexto histórico da criação das aldeias urbanas na cidade, e aborda como a união dos povos originários foi necessária para que houvesse uma forma de sobrevivência em meio à urbanização e à perda de seus territórios.

A Aldeia Marçal de Souza, das etnias Guarani, Kadiwéu e Terena, se consolidou como a primeira aldeia indígena em contexto urbano a ser criada no país, criação esta fundamental para que o Estado e a prefeitura garantissem espaços para a construção de casas, de uma escola municipal bilíngue e de um centro cultural. Porém, seguindo o processo de abandono, o repasse de recursos à Aldeia foi sendo interrompido, contexto captado nas imagens feitas ao longo do processo. Fato este que não só prejudicou a Aldeia Marçal de Souza, mas também impossibilitou a criação e regulamentação de outras possíveis aldeias urbanas em outras regiões da cidade.

Um exemplo é a Aldeia Água Bonita, das etnias Guarani, Kadiwéu, Guató e Terena, que visitamos e que não possui registro judicial a nível federal, apenas o cadastro desses moradores em órgãos como a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a prefeitura. Por não ser oficialmente reconhecida, existe séria dificuldade em encaminhar formalmente as demandas indígenas, impossibilitando o acesso a direitos essenciais como saneamento, educação, cultura, entre outros.

Outra fonte importante para a realização deste trabalho foi o relatório *Série radiofônica da Estrada de ferro: A história de Campo Grande nos trilhos da Noroeste do*



Brasil, de Daniel Catuver, que apresenta um panorama do crescimento da cidade, demonstrando como em suas extremidades e periferias marginalizadas existem rastros de ferrovias. Considerando esse contexto, seguimos na busca por lugares abandonados ligados aos caminhos de ferro que outrora funcionavam na cidade, pois essas construções fazem parte da história local. Como afirma o relatório:

A estrada do Noroeste do Brasil foi, também, um marco urbanizador para as cidades onde o trem passava. A arquitetura dos complexos ferroviários evidencia a força do trabalho empregado nas construções, tanto de edifícios quanto do próprio trilho. O desenvolvimento de Campo Grande foi possível graças à forte e diversificada corrente migratória que chegou à cidade (CATUVER, 2018, p. 13).

Seguimos em direção à antiga estação ferroviária do Trem do Pantanal, localizada no distrito de Indubrasil, a 15 quilômetros do Centro de Campo Grande. Um local afastado, onde grande parte dos moradores garante o seu sustento com a venda de produtos de pesca ou com lanchonetes na beira da BR 262, muito movimentada dado o trânsito de turistas e caminhoneiros. Essa estação ferroviária funcionou entre os anos de 2009 a 2014, mas a velocidade de aproximadamente 30km/h dos trens tornava a viagem lenta e cansativa (levava-se, por exemplo, sete horas para ir de Campo Grande à cidade de Miranda, que fica a apenas 192 km de distância).

Uma reportagem do Campo Grande News, de 9 de maio de 2009, anuncia a novidade da inauguração turística no estado, apresentando valores. Caso o passageiro optasse por realizar o trajeto completo, pagava apenas R\$ 39 no vagão econômico, R\$ 77 no vagão turístico e R\$ 93 no executivo, que contava com serviço de bordo bilíngue e alimentação. As vendas eram feitas até para turistas no exterior, mas a mudança socioeconômica que o Brasil passou durante os anos seguintes acabou alterando a realidade local.

O aumento no poder aquisitivo e as consequentes melhorias na economia acabaram fazendo com que, invariavelmente, o número de passageiros ficasse cada vez menor e a estação foi desativada em 2015, ficando à mercê do abandono e da depredação. Em nossa visita, sete anos após o fim da linha férrea, nos deparamos com uma construção imersa em vegetação, com portas e janelas arrancadas, pichações, lâmpadas saqueadas e com o teto de gesso arruinado.



Além dos textos, artigos e livros aqui citados, a criação das imagens tomou por referência a obra dos artistas Lalo de Almeida, Loren McIntyre, e Wolfgang Tillmans. Todos eles são especialistas em demonstrar espaços de abandono, mas onde resta ainda um sinal de vida, sempre presentificando um rastro de uma presença humana que, ao passar, modificou e trouxe alguma consequência para o espaço em questão, resultando num impacto quase sempre negativo.

Nas fotografias de Lalo de Almeida, que nos últimos dez anos tem fotografado apenas a floresta Amazônica, é possível identificar como a crise climática impacta a vida das pessoas. A precariedade e a destruição são elementos que incidem com força na composição das suas imagens. Em várias fotografias observamos uma área desertificada, onde antes existia inúmeras espécies de vida, e agora só restam apenas os fósseis inertes e rastros de desmatamento. Esse “des” que retira a função de algo ou alguém, cria, no entanto, uma esfera da possibilidade, de (co)existência da multiplicidade e produz relações não de valor financeiro, mas de valor humano-ambiental. Esse “des” deixa rastros de um processo de devir, sempre sendo feito e nunca finalizado, mas que abarca aprofundamentos, novas construções e outras imagens espaciais e sensações. Esse campo de relações nos remete, mais uma vez, à poesia de Manoel de Barros:

Depois descobri naquele lugar a palavra abandono.
A palavra funcionava dentro e fora das pessoas.
Eu não sabia se era o lugar que transmitia
o abandono às pessoas ou se
eram elas que transmitiam o abandono ao lugar. Eu
conhecia a palavra só de nome. Mas não conhecia
o lugar que pegava abandono. Por antes a força da
palavra é que me dava a noção. Mas em vista do
que vi o olhar reforça a palavra. O olhar segura
a palavra na gente. O cheiro e o amor do lugar
também participam. Todos os seres daquele lugar
me pareciam perdidos na terra, bem esquecidos como
um lápis numa península. Mas Nhá Velina Cuê me
falou: este abandono me protege. Acho que esse
paradoxo reforça mais a poesia do que a verdade.
(BARROS, 2010, p.34).

Nessa investigação da figura do “abandono” na paisagem de Campo Grande, em nossa primeira ida a campo, nos dirigimos aos arredores do Terminal Rodoviário Heitor



Eduardo Laburu, localizado no bairro Amambaí, um dos lugares mais antigos da cidade, porém abandonado e negligenciado desde o ano de 2010 (Figura 1). Heitor Eduardo Laburu e Luiz Alberto eram irmãos formados em economia em São Paulo e, em 1968, ganharam a licitação da construção do terminal rodoviário, que teve a inauguração em 1973. Com a desativação do espaço em 2010, a região passou a abrigar uma concentração de moradores de rua e pessoas em situação de dependência química, passando a ser conhecida como “Cracolândia de Campo Grande” pelos moradores locais. No interior do prédio, nos deparamos com uma penumbra devido à perda de iluminação, em grande parte ocasionada por roubo das lâmpadas e de fios de eletricidade.

Das paredes escorre água em consequência de infiltrações, pois o edifício não recebe manutenção desde que foi desativado, em 2011. Entretanto, algumas salas comerciais ainda resistem em meio ao abandono, com a esperança de que algum dia o centro comercial volte a ser frequentado pela população, como nos tempos de ouro. Alcenir Mattoso, um senhor de idade, é um desses comerciantes que ainda tenta manter as portas abertas. Ele é proprietário do Cena’s Bar, e acompanha as mudanças no lugar há mais de 30 anos (Figura 2). Na visita que fizemos ao local, ele nos relatou que está em uma situação difícil, devido aos constantes furtos que sofre e também pela falta de clientes, que inevitavelmente acabou migrando para outras regiões da cidade, como consequência direta da gentrificação da capital sul-mato-grossense.

Assim como os outros locais fotografados, escolhemos o terminal rodoviário por possuir uma complexidade histórica que reflete muito do que é a cidade, as inúmeras oportunidades de desenvolvimento cultural abandonadas ou impedidas pela economia desenvolvimentista, que valoriza a chegada de grandes marcas e produtos em detrimento do comércio e dos comerciantes locais. O espaço em questão tem potencial para se tornar um agente de transformação cultural e social das pessoas em situação de extrema vulnerabilidade que lá vivem. Mas os olhares se fecham para não enxergar a negligência, os abandonados, e então o desprezo permanece. Uma das cenas fotografadas nas proximidades do local mostra um amontoado de roupas velhas (algumas rasgadas e queimadas) em um terreno baldio. Achamos interessante aquela



composição que criou um contraste entre a natureza, as vestes e os prédios que se erguem ao fundo (Figura 3).

Podemos ver sensação parecida da espacialidade urbana em uma região próxima ao Shopping Norte Sul Plaza, em direção ao bairro Guanandi, onde moradores constroem barracas para morar, mas a cidade sufoca e oculta suas existências. Em uma mata ciliar nas margens do córrego Prosa, esconde-se entre a vegetação uma moradia (Figura 11). Temos, então, um espaço abandonado que se localiza perto de um centro urbano onde há um financiamento público constante por parte da prefeitura e do governo do estado: em umas quadras, pessoas vivem bem com opções de lazer, e acesso à cultura; a alguns metros disso, uma presença desprezada.

Outra referência importante para a realização do produto foi o trabalho do fotógrafo da *National Geographic* Loren McIntyre, autor do livro *Na floresta, uma tarde*, responsável por nos sensibilizar na hora de fotografar. A obra de McIntyre trouxe um olhar diferente do que os meios de comunicação hegemônicos passam para a população branca a respeito dos nativos, representados como se vivessem isolados, não tivessem acesso ao sistema educacional ou fossem “selvagens” - mas a realidade é outra. Como o fotógrafo brasileiro Lalo de Almeida (2021, s.p.) afirma, a presença indígena “é a última trincheira do combate ao desmatamento, eles estão muito organizados como nunca tiveram, eles têm várias lideranças jovens, principalmente mulheres”. A partir do momento que esses protestos e reivindicações indígenas acontecem junto com a pressão internacional, esperamos que os governos locais façam políticas públicas que contemplem essas demandas, se não o genocídio das populações indígenas em Mato Grosso do Sul Campo Grande vai continuar acontecendo. Afinal, de acordo com o jornal Primeira Notícia, jornal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), desenvolvido no curso de jornalismo, o estado é o segundo com maior índices de assassinatos de indígenas, principalmente devido a conflitos com latifundiários.



3. DISCUSSÃO ACERCA DOS PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO FOTOGRÁFICO

Inicialmente, nos juntamos para definir qual seria a temática abordada para a escrita do pré-projeto de Metodologia Científica. Definimos que o suporte utilizado seria a fotografia digital e como produto final uma exposição fotográfica. Utilizamos câmeras de entrada com sensor cropado ou chamado também de sensor aps - c, o que nos limitava a fotografar com a luz do dia, devido à baixa qualidade do equipamento para fotografar em período noturno.

Em grande parte do primeiro semestre do ano de 2022, tínhamos disponível apenas uma câmera Canon SL2 com lente Ef-s 18-55mm, F/3.5-5.6, de uso pessoal, e outras câmeras que estavam à disposição para empréstimo na UFMS, no caso, uma Canon T5i com lente Ef-s 18-55, F3.5-5.6. A partir de maio do mesmo ano, Pedro adquiriu mais um equipamento para a realização do projeto, uma Canon 60D, com lente Ef-s 18-55mm, F/3.5-5.6. Fizemos o uso de um computadores individuais de uso pessoal, o que nos possibilitou a edição das imagens através do aplicativo Adobe Lightroom.

No processo de preservação dos arquivos acabamos perdendo alguns originais devido a um HD corrompido, restando apenas as imagens já editadas salvas no Google Drive. Usamos o Drive ilimitado concedido pela UFMS para salvar as imagens tratadas, e criamos pastas individuais com a data de cada visita a campo.

Após a entrega do pré-projeto, no fim do segundo semestre de 2021, começamos a fase de produção, em que estabelecemos um cronograma de saídas aos entornos da cidade. Fotografamos de março a outubro de 2022, totalizando oito produções fotográficas.

O trabalho de conclusão de curso, realizado a quatro mãos, fez com que tivéssemos que aderir a algumas normas de trabalho. Definimos, por exemplo, que as saídas seriam feitas sempre em dupla, na intenção de que as oportunidades de fotografar fossem as mesmas. Em apenas uma ocasião encontramos inspirações e lugares adequados ao trabalho estando separados. As fotos das margens da Avenida Ernesto Geisel foram capturadas por Pedro, durante um momento de regresso do



estágio. Com o tempo, tomamos consciência de que nossos estilos de concepção imagética se assemelhavam e esse dado facilitaria a liberdade de escolhas das imagens que estariam na seleção final.

Em relação à exibição do material fotografado, a primeira oportunidade aconteceu no Ciclo de Exibidinhas do curso de audiovisual, realizado no campus da UFMS no dia 18 de agosto. Das 10 fotos que tínhamos, foram selecionadas cinco, todas impressas no tamanho A4. Foi a própria produção do evento que montou a exposição, portanto, ficamos limitados à ordem imposta pela equipe. As imagens foram fixadas nas paredes do auditório Marçal de Souza, na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), na UFMS, acompanhadas de uma legenda junto com o título (Figura 21).

A segunda exibição do trabalho ocorreu quando um projeto de exposição fotográfica que elaboramos foi contemplado no edital do Festival do Sarau Cidadania e Cultura no Parque, promovido pelo governo do estado. A exposição aconteceu no dia 4 de setembro de 2022, no Parque Jockey Club, no bairro Paulo Coelho Machado. Tivemos pouco mais de uma semana para organizar a exposição. Selecionamos 10 fotos e, dentre os escassos lugares para impressão fotográfica em Campo Grande, escolhemos o Vip Photo Studio da Clan Color, localizado na Barão do Rio Branco. A produção do evento disponibilizou uma tenda e cavaletes de pintura para colocarmos as fotos. Fixamos cada imagem com fita dupla face e também elaboramos uma legenda que ficou abaixo da foto principal (Figura 22).

O evento foi importante para constituirmos a narrativa que queríamos contar e, com isso, precisávamos fazer um percurso com as pessoas que chegavam para contemplar as obras. Ainda no evento, foram realizadas duas entrevistas conosco, em que comentamos a importância de mostrar esses lugares abandonados da cidade, espaços que não podem ser esquecidos, e falamos da situação das pessoas em situação de rua, que tampouco devem ser ignoradas pela sociedade. A questão da luta indígena, que apareceu em duas fotos nesse recorte narrativo, também foi levada em consideração na entrevista. Falamos da luta pela preservação cultural de um povo que sofre com um constante apagamento e também da disputa territorial com os



fazendeiros. Durante o diálogo, ressaltamos a importância do evento em conceder acessibilidade para pessoas afastadas da cultura e, sobretudo, à fotografia como meio de expressão crítica da sociedade.

Para a exposição definitiva, realizada dia 4 de novembro no espaço Laricas Cultural, escolhemos expor as imagens ampliadas em diversos tamanhos, tomando como inspiração as instalações do fotógrafo Wolfgang Tillmans. Uma vez escolhido o local, tínhamos que pensar no suporte onde as fotos seriam fixadas, e com isso surgiu uma certa complicação, devido à nossa limitação de orçamento. Como alternativa, surgiu a ideia de montar cavaletes com ripas e placas de MDF. Planejamos, então, a construção de quatro cavaletes, sendo dois deles em formato paisagem, e os outros em formato retrato. Pedro já havia trabalhado com esse material antes e tinha disponível as ferramentas necessárias para a montagem. Foram cerca de dois dias para a fabricação dos cavaletes, que ficaram prontos no dia da exposição. Uma vez organizado o material, a baixa quantidade de luz no ambiente atrapalhou a visualização do público, que precisou ligar as lanternas dos celulares para melhor apreciação (Figura 26).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de conclusão do curso começou a ser elaborado na matéria de metodologia científica, no segundo semestre de 2021. A ideia inicial era que fizéssemos uma exposição fotográfica sob a temática da crise climática no estado de Mato Grosso do Sul. Tínhamos o propósito de fotografar em Campo Grande e no interior do estado, principalmente em localidades ligadas ao Pantanal e em aldeias indígenas, explorando a concepção de que os povos originários são aqueles que mais sofrem com os impactos da natureza.

Com o decorrer da produção fotográfica, percebemos que sem um financiamento adequado seria impossível realizar uma cobertura ampla nas cidades do estado. O enquadramento do trabalho passou a ser na cidade de Campo Grande, e o tema revelado a partir das primeiras fotografias condizia com o abandono e reexistência de lugares, no centro e na periferia. Outro impasse que veio até nós foi a deficiência de equipamentos, uma vez que tínhamos à disposição apenas uma câmera até o fim do primeiro semestre de 2022. O empréstimo de material pela universidade auxiliou nas nossas saídas no início da produção, mas o processo burocrático da aquisição das câmeras limitava as visitas a campo, que precisavam ser extremamente bem planejadas, já que estávamos à mercê das assinaturas do orientador para liberação do material e tínhamos um prazo curto para ficar com os equipamentos.

Quando nos deparamos com o processo de mudança da temática do trabalho de conclusão de curso, cientes de que já não tínhamos mais certeza de como seria a concepção do conteúdo apresentado no produto final, a frustração passou a tomar conta. A paciência foi fundamental para a consolidação das ideias e para que as dificuldades fossem ultrapassadas. Com a aquisição de mais uma câmera no segundo semestre de 2022, a quantidade de visitas a campo aumentou, e sentimos que a produção acelerou exponencialmente.

A temática escolhida ficou estabelecida apenas em julho de 2022, após a realização de algumas fotografias e da experimentação que nos levaram a escolher a ótica abordada. A partir desta data, conseguimos planejar em qual lugar faríamos as exposições fotográficas, além de buscar fundamentação teórica para isso. O que antes estava ligado à ecologia e crise climática, agora precisava estar ligada à fundação da



cidade, mostrar o abandono e a resistência da população à margem da cidade.

Eu, Pedro, que moro na cidade desde o nascimento, considero que passei a conhecer mais as proximidades de um lugar a respeito do qual antes pensava ter clareza. Junto a isso, tive um descobrimento pessoal e crescimento profissional que refletiu numa melhoria da concepção estética das imagens que produzia. Também como consequência da realização deste trabalho, pratiquei a edição de imagens através do Lightroom, o que possibilitou um aperfeiçoamento da qualidade nas fotos. Outro ganho na produção do Trabalho de Conclusão de Curso foi dialogar com pessoas que se encontram em diferentes perspectivas sociais, que me ajudaram na expansão de conhecimento sobre as questões que percorrem as imagens.

Eu, Henrique, nasci no interior do estado, em Três Lagoas, mas me mudei para a capital quando tinha apenas três anos. Embora tivesse consciência das regiões periféricas de Campo Grande, foi apenas durante o desenvolvimento do trabalho que consegui ter real dimensão da vulnerabilidade social e das dificuldades que a negligência e o abandono das populações minoritárias podem efetivamente causar. Os impactos ambientais e sociais atingiram um ponto em que naturalizar os constantes abandonos tornou-se parte do cotidiano, e a produção das fotografias possibilitou o contato direto com as diferenças sociais e urbanas.

A reta final da produção visava a expor em algum centro cultural ou museu dentro da cidade, mas o curto prazo que tínhamos impossibilitou a concretização dessa ideia. Nesses espaços é necessário concorrer a editais públicos ou submeter um pedido de autorização com meses de antecedência. Tentamos nos inscrever em um edital do evento “Campão Cultural”, Festival de Arte, Cultura, Diversidade e Cidadania, buscando um diálogo com a Secretaria de Cultura, mas não obtivemos sucesso.

Isso fez com que escolhêssemos lugares que fossem abertos e receptivos para nossa exposição. A primeira mostra das nossas fotos foi dentro da própria UFMS, no 1º Ciclo de Exibidinhas realizados pelo curso de audiovisual, que foi essencial para que sentíssemos como o público reagia às imagens, melhorando a nossa concepção de como deveríamos realizar as exposições.

Posteriormente, nosso projeto foi contemplado no edital do Sarau no Parque, e o cachê serviu para custear nossos gastos de gasolina, alimentação e impressão das fotos. Nessa exposição, realizada em um lugar distante do centro, percebemos que as



peessoas ficaram intrigadas com as fotos. Ela resultou em um bom diálogo com as pessoas e impulsionou o direcionamento para a concepção final do trabalho.

Por fim, esse processo de crescimento e amadurecimento das fotos foi essencial para que fizéssemos a exposição final no Larica's Cultural, espaço que nos atraía pela pluralidade de públicos e abertura a exibições artísticas. A conjugação de espaços abandonados, população negligenciada e a presença dos povos originários nas aldeias urbanas, acabou dando o tom de denúncia da exposição, ao mesmo tempo em que oferecia uma abordagem diferente no que diz respeito à representação visual de Campo Grande. Se no início estávamos insatisfeitos com as mudanças de temática, a forma como encaramos o processo, assim como a recepção do público às fotos, terminou por nos deixar orgulhosos.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA Lalo de **Amazonian Dystopia**. [S. l.], 2022. Disponível em: https://lalodealmeida.com.br/amazonian_dystopia/. Acesso em: 1 nov. 2022.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- BATISTOTI, Aleida Fontoura; LATOSINSKI, Karina Trevisan. O indígena e a cidade: panorama das aldeias urbanas de Campo Grande/MS. **Revista Rua**, p. 329-355, 2019.
- CANAL JORNALISMO TV CULTURA. **Fotógrafo Lalo de Almeida vence prêmio mundial do World Press Photo**. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (2min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rP3O7dJ6dfA>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- CAMPO GRANDE NEWS. **Famoso pelos pornô, cinema da antiga rodoviária pode voltar**. Jornal online Campo Grande News, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/famoso-pelos-pornos-cinema-da-antiga-rodoviaria-pode-voltar>. Acesso em: 14 out. 2022.
- CAMPO GRANDE NEWS. **"Heróis" da antiga rodoviária vivem a resistência há décadas**. Jornal online Campo Grande News, 8 jun. 2018. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/-herois-da-antiga-rodoviaria-vive-m-a-resistencia-ha-decadas>. Acesso em: 20 out. 2022.
- CAMPO GRANDE NEWS. **Trem do Pantanal: passagens já são vendidas no exterior**. Jornal online Campo Grande News, 09 mai. 2009. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/trem-do-pantanal-passagens-ja-sao-vendidas-no-exterior-05-09-2009>. Acesso em: 30 nov. 2022.
- CAMPO GRANDE NEWS. **Do Trem do Pantanal, sobrou estação fantasma e o último funcionário**. Jornal online Campo Grande News, 11 out. 2016. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/do-trem-do-pantanal-sobrou-estacao-fantasma-e-o-ultimo-funcionario>. Acesso em: 26 out. 2022.
- CAMPO GRANDE NEWS. **Abandono e desprezo**: estação do Trem do Pantanal "torrou" R\$ 739 mil. Jornal online Campo Grande News, 14 set. 2019. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/abandono-e-desprezo-estacao-do-trem-do-pantanal-torrou-rs-739-mil>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- CATUVER Daniel Patrick de Oliveira. **Estrada de Ferro**: A história de Campo Grande nos trilhos da Noroeste do Brasil. 2018. 42f. Relatório final de Rádio (Jornalismo) - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.



FERDINAND, Malcom **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KRENAK, AILTON ALVES LACERDA. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

NAGAYAMA, Eda. **Desgarrados**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PRIMEIRA NOTÍCIA. **Mato Grosso do Sul é o segundo estado com maior índice de assassinato de Indígenas**. Jornal Primeira Notícia. 30 set. 2022. Disponível em: <https://primeiranoticia-faalc.ufms.br/brasil/mato-grosso-do-sul-e-o-segundo-estado-com-maior-indice-de-assassinato/1846/#:~:text=Relat%20assassinados%20em%202021>. Acesso em: 10 no. 2022.

PERSICHETTI. **No Olhar #2 I Fotografia Brasileira**. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (8min). Publicado pelo canal NoOlhar Tv Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GS1jTnqsqDM>. Acesso em: 20 out. 2022.

WOLFGANG: **To Look Without Fear**. [S. l.], 5 set. 2022. Disponível em: <https://tillmans.co.uk/>. Acesso em: 13 out. 2022.



ANEXO

Figura 1 - Terminal do Oeste da Rodoviária Heitor Eduardo Laburu.



Figura 2 - Cena's Bar, uma das salas comerciais que resistiam na Antiga Rodoviária.



Figura 3 - Calça e manequim em um terreno baldio nos arredores da Antiga Rodoviária.



Figura 4 - Exterior da estação Trem do Pantanal no Indubrasil.



Figura 5 - Interior da estação trem do Pantanal no Indubrasil.



Figura 6 - Ao fundo Silos da ADM do Brasil, empresa de processo, transporte e armazenamento de produtos agrícolas - em funcionamento.





Figura 7 - Cemitério de vagões no Terminal Intermodal de Cargas - abandonado desde 2015.



Figura 8 - Cemitério de vagões no Terminal Intermodal de Cargas.





Figura 9 - Centro Municipal de Belas Artes - construção iniciada em 1991, nunca finalizada.



Figura 10 - Moradia de pessoas em situação de rua - às margens da Avenida Ernesto.





Figura 11 - Moradia de pessoas em situação de rua - às margens da Avenida Ernesto Geisel.





Figura 12 - Margens da Avenida Ernesto Geisel.



Figura 13 - Dança Siputrena (Terena), durante a Celebração do Dia da Diversidade Indígena no Memorial Marçal de Souza.



Figura 14 - Dança do Penacho (Terena), durante a Celebração do Dia da Diversidade Indígena no Memorial Marçal de Souza.



Figura 15 - Movimento “Luto Pela Vida” em frente a FUNAI, pelo fim do Marco Temporal.



Figura 16 - Indígenas e servidores da FUNAI acendendo velas pelas vidas perdidas no Movimento “Luto Pela Vida”.



Figura 17 - Casa na comunidade indígena Água Bonita.



Figura 18 - Plantação agrícola na comunidade indígena Água Bonita.



Figura 19 - Cocar Indígena durante o Movimento “Luto Pela Vida” em frente a FUNAI.





Figura 20 - Crianças brincando na comunidade indígena Água Bonita.





Figura 21 - Exposição no primeiro ciclo de Exibidinhas do curso de audiovisual da UFMS.



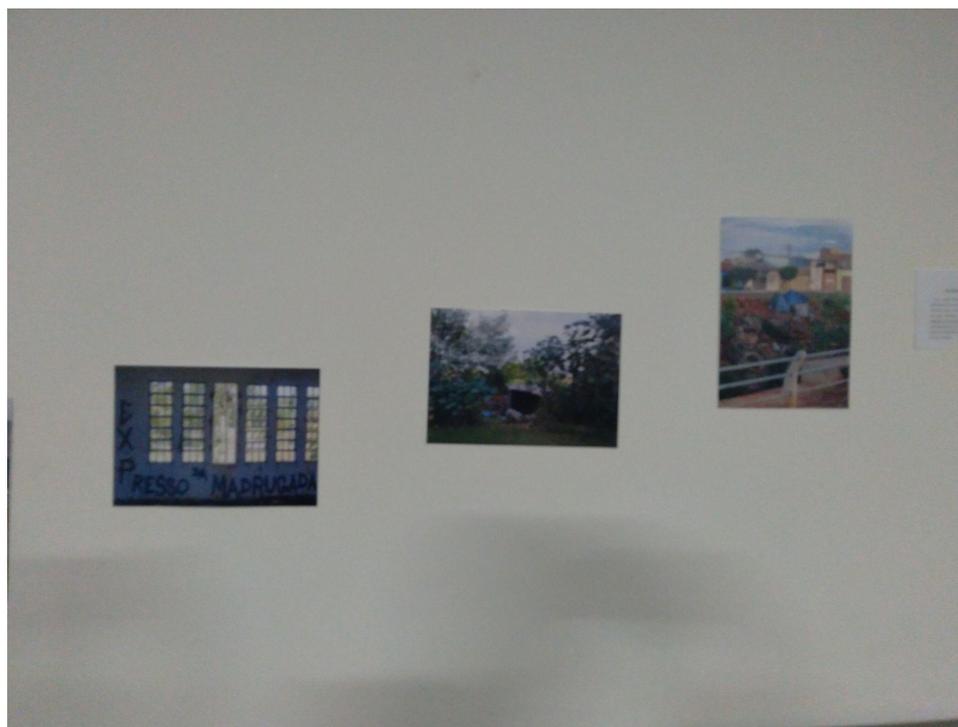


Figura 22 - Exposição no Sarau no Parque.



Figura 23 - Montagem de cavaletes para exposição.





Figura 24 - Cavaletes semipronto.





Figura 25 - Referência de exposição do fotógrafo Wolfgang Tillmans.





Figura 26 - Exposição no Larica's Cultural.



